

**Persuasão: arte retórica e conhecimento psicológico em sermões do advento de Antônio Vieira.**

**Persuasion: rhetoric and psychological knowledge in sermons on the advent by Antônio Vieira.**

**Marina Massimi**

**Sandro Rodrigues Gontijo**

---

**Resumo:**

Os sete sermões de Antonio Vieira (1608-1697) sobre o tempo litúrgico do Advento explicitam a articulação, através da ars retórica, entre os aspectos da visão de mundo jesuítica inerentes ao período do Advento (período em que se abordam questões como a finalidade da vida terrena, a ação humana e seu valor histórico, a natureza humana e seu destino transcendente) e os movimentos que se esperava obter do universo anímico dos ouvintes através do uso da palavra. Vieira compõe a dinâmica dos afetos de modo a relacioná-los com o entendimento. O homem envolvido em uma dinâmica afetiva pode ter em seu interior a fonte de todos os enganos, mas também da salvação. São as relações travadas entre conhecimento e afetos que definem o modo pelo qual o ser humano perceberá o mundo e conceberá a si mesmo, e como tal atuará na realidade.

**Palavras-chave:** Antônio Vieira, persuasão, afetos.

---

**Abstract:**

Antonio Vieira (1608-1697), in his seven sermons about Advent's liturgical time, state the articulation, through the ars retórica, between the aspects of the Jesuit worldview inherent to the Advent period (a period when questions as the purpose of worldly life, human action and its historical value, human nature and its transcendent destiny were approached) and movements

expected from the listeners' animic universe through the use of word. Vieira relate the dynamic of affects to understanding. Men involved in an affective dynamic can have within them the source of all mistakes, but also of salvation. The relations engaged between knowledge and affects define in which way men will perceive the world and understand themselves, and as such they will act in reality.

**Key-words:** Antônio Vieira, persuasion, affects.

---

## **Introdução**

No século XVII, a antropologia da Companhia de Jesus é perpassada pelos valores do Humanismo filtrados já pela sensibilidade da Idade Moderna, tradicionalmente rotulada como barroca. A essência do ideal humanista é a valorização da personalidade em sua realidade completa (natural e sobrenatural) e nas relações sociais enfatiza-se a importância da solidariedade, de modo que cada indivíduo é chamado para contribuir para a salvação do gênero humano, à imitação de Cristo: "Assim era a espiritualidade que pregavam. Aproveita todos os valores possíveis; se adaptando a mentalidade da época; movia-se em um clima tanto elevado quanto humano; se alimentavam das grandes forças do entusiasmo e do amor<sup>1</sup>".

A esfera do psiquismo humano é concebida como sendo totalmente articulada ao homem integral, completo, tanto no campo interior – sensações, afetos, vontade, intelecto, espírito – quanto no campo exterior, como ser integrado ao mundo. O ser humano se atualiza em todas as suas potencialidades na medida em que estiver imerso na realidade concreta, no mundo sensível; este último é ligado diretamente ao mundo sobrenatural, através da "sacramentalidade", ou seja, da possibilidade de todas as coisas e

fatos serem sinais e presentificação de um sentido maior e dotado de transcendência e universalidade: a divindade (Pecora, 1994).

O tema do Advento abordado por Vieira<sup>2</sup> vincula-se a um trabalho persuasivo voltado para a elaboração, no plano histórico e da ação no presente, tanto do significado do juízo universal quanto do juízo pessoal: desse modo, o pregador estabelece uma relação entre horizonte escatológico e ato cotidiano, podendo o homem, em seus atos concretos, relacionar-se com o fim último. Tendo em vista a necessidade da conversão (concebida como mudança de condutas), utiliza-se para tal da persuasão e seus mecanismos com o objetivo de, através destes, ordenar os afetos, a fim de que estes possam agir sobre a vontade e alterar o comportamento, como pressuposto pela cultura da época.

Tem-se muito pouca informação sobre as origens específicas do tempo litúrgico do Advento na tradição cristã. O Advento traz em si elementos relativos tanto a um caráter mais propriamente litúrgico, como tempo de preparação para o Natal, como elementos de um acontecimento escatológico – que marcam os sermões de Vieira –, tendo-se notícia desta prática desde o século IV (Sartore e Triacca, 1992: 348), carregada de ambos os sentidos. Na tradição do catolicismo, o Advento consta de quatro domingos, sendo também observada uma versão, menos difundida, de uma liturgia ambrosiana que consta de seis (Sartore e Triacca, 1992: 348).

O termo escatologia designa o discurso teológico a respeito das “últimas realidades do homem, da Igreja e do cosmo” (Sartore e Triacca, 1992: 348). Os primeiros escritos acerca do tema datam do século VII na obra do bispo espanhol Juliano de Toledo e “a reflexão teológica medieval e o pronunciamento autorizado do magistério da Igreja, de modo especial com Bento XII e com o Concílio Florentino, fixaram as grandes linhas da escatologia católica, reunida nos manuais sistemáticos mais recentes” (Sartore e Triacca, 1992: 349).

A escatologia católica prevê quatro dimensões para abordar o tema do Advento: cristológica, eclesial, antropológica e cosmológica: "O vasto campo da escatologia cristã pode ser visto dentro destas quatro dimensões: 'cristológica', referente à segunda vinda de Cristo e às suas conseqüências (juízo, instauração do reino, etc.); 'eclesial', relativa à condição peregrinante da igreja rumo à Jerusalém celeste; 'antropológica', pertinente ao fim de todos os homens e de cada homem em particular; 'cosmológica', atinente à sorte futura do universo, que deverá ser envolvido na renovação final que vai ocorrer com a segunda vinda de Cristo e com a ressurreição dos mortos. Não se trata, pois, de realidades últimas, entendidas como se fossem separadas do contexto presente, mas de realidades definitivas que levarão à realização plena tudo o que agora possuímos de modo inicial à espera da sua realização final. Desta maneira, a escatologia envolve o presente e é dimensão essencial da experiência humana e cristã" (Sartore e Triacca, 1992: 349).

Em seu trabalho persuasivo, Vieira parece ressaltar a dimensão antropológica da escatologia cristã, sem, no entanto, se abster das demais. É no campo do destino humano e, sobretudo, do destino de cada indivíduo, que Vieira argüi para mobilizar os afetos de sua assistência. O Dia do Juízo é posto não só como fim dos tempos, mas traz a questão da finitude humana, a questão da mortalidade, presente em cada instante do tempo.

No que diz respeito à abordagem do dinamismo psíquico, Vieira fundamenta-se em uma psicologia filosófica advinda da tradição aristotélico-tomista. Nesta perspectiva, a dinâmica psíquica tem por seu centro a alma, que se apresenta enquanto princípio vital, estruturado no homem segundo três dimensões imbricadas entre si: alma vegetativa, sensitiva e racional. A alma vegetativa (comum a todos os seres vivos), ligada às funções biológicas dos organismos, exerce-se no órgão corpóreo através das potências vegetativas: nutritiva (alimentar), aumentativa (crescer), geratriz (reproduzir). A alma sensitiva (presente nos animais e nos homens) contempla componentes ligados às sensações e aos afetos – paixões,

apetites, imaginação, memória –, como também componentes da ordem do supra-sensível, tais como percepção de movimento, grandeza, sinestesia, etc. Este nível da alma atua pelas potências sensitivas, as quais se dividem em externas e internas. Tem-se nas externas uma relação imediata com a alma vegetativa, pois estas são cinco (visão, audição, olfação, gustação e tato) e se relacionam diretamente com os respectivos órgãos corpóreos dos sentidos, onde "quando um sentido capta um sensível próprio, então a respectiva sensação é infalível" (Reale e Antiseri, 1990: 200). Já as potências internas são quatro: senso comum, imaginação, cogitativa e memorativa. Tomás de Aquino as descreve na *Suma Teológica* (2002). Assim, o senso próprio ou comum estaria responsável pela recepção das formas sensíveis. Tais formas seriam retidas e conservadas na potência da imaginação ou fantasia. Aquino diz que "para apreender as intenções que não são percebidas pelo sentido, ordena-se a cogitativa" (Aquino, 2002: 432), comparando estas intenções com as intenções universais. Sendo por final a potência memorativa (a faculdade da memória) um arquivo das formas sensíveis captadas, sendo o homem diferente dos animais já que além da lembrança imediata dos fatos passados, o homem possuiria também a reminiscência "com a qual, de uma maneira quase silogística, investiga a memória desses fatos, enquanto são intenções individuais" (Aquino, 2002: 432).

A terceira manifestação da alma é a alma racional, própria apenas do ser humano, que exerce as potências da cognição, da vontade, do juízo e da apreensão da intencionalidade das formas universais. Diferentemente dos filósofos gregos que identificam a alma racional com a essência do homem, Tomás de Aquino (2002) toma o intelecto como uma potência da alma e não sua essência.

No âmbito do universo conceitual da cultura jesuítica do século XVII, marcada por esta tradição, Vieira concebe a figura do pregador como aquele que, em sua fala, reflete a verdade para os outros, mostrando o significado

da realidade enquanto sinal efetivo de Deus. Ou seja, a pregação tem como função o desengano, “que descobre e ordena o futuro, ato de discurso que levanta os arranjos providenciais dispondo as coisas do mundo, arte a fazer saltar em frases de impacto as supra-razões que se acumulam na sem-razão do que ocorre” (Pécora, 1994: 267).

A *ars retórica* aparece como meio sensível para o desengano. Segundo Massimi (2005), o estudo da oratória na idade moderna é profundamente valorizado, seja por se mostrar “eficaz e culturalmente significativa enquanto instrumento de transmissão doutrinária junto a populações na maioria das vezes marcadas pela oralidade” (Massimi, 2005: 81), seja por conceber a união do corpo místico e o corpo social da instituição eclesial. A palavra tem a possibilidade de criar realidades envolvendo as subjetividades do orador e do ouvinte, bem como a realidade material que os cerca. Segundo Gioseffi: “Palavras criam ‘realidades’ porque contrapõem, identificando e opondo, uma vida imaginária a uma vida factual. Palavras nomeiam ‘coisas’ da natureza e dos sentido, por isto expressam significados culturais. Palavras constituem retóricas, ou são por elas constituídas. Nestes casos, tratam-se de formas diferenciadas de apropriação dos discursos” (Gioseffi, 2005: 217). É através da palavra laboriosa que o pregador acessa a interioridade de seus ouvintes, tocando apetites e paixões e ordenando-os de maneira mais apropriada. Lançando mão da proposta de retórica jesuítica, Vieira aproxima retórica clássica e eloquência cristã, um modelo consagrado em seu tempo e iniciado por Agostinho em sua obra *A Doutrina Cristã* (1991). Em um modo *sacramental* a palavra pode exprimir verdade, já que seria uma forma de manifestação sensível de Deus; assim, a persuasão provinda do modelo clássico se torna *metanoia*: processo de conversão da pessoa, fruto que se colhe da pregação (Massimi, 2005). Neste sentido, “o alcance do que estava sendo dito, a razão de ser das palavras, estaria além do escrito, dos exemplos bíblicos, das comparações, das metáforas etc.; o efeito que

'verdadeiramente' se transformasse em atos, evangelizassem" (Gioseffi, 2005: 231).

Na dinâmica da vida interior, a raiz psicológica da persuasão presente na retórica consiste em mobilizar os sentidos internos através da vontade – a qual deve seguir a razão – pelo uso da palavra com toda a sua força figurativa, procurando mostrar as razões do Bem, suscitando o interesse da imaginação, provocando o apetite, solicitando a vontade para o aceite e a adesão dos preceitos propostos.

### **O sentido do tempo e a existência da pessoa**

Vieira procura tratar a questão do tempo em suas várias dimensões – de vida/existência, tempo cronológico, momento epocal/contemporaneidade –, sendo que o Advento compila em si esta possibilidade: *a priori* é o fim dos tempos e o começo de um novo tempo; é herança do passado, tradição fruto da história da igreja, mas representa também o futuro e a realização das promessas da mensagem cristã. Vieira parece inspirar-se na concepção do tempo de Agostinho, segundo a qual o tempo não existe para Deus, de modo que é possível que juízo pessoal e final sejam idênticos, vindo o próprio Cristo para julgá-lo. Este tempo influenciado pela visão agostiniana torna-se tempo "psicológico", "subjetivo": é um tempo ligado à percepção do sujeito. Esta perspectiva parece trazer dois desdobramentos no conteúdo dos sermões, sendo o primeiro a denúncia do engano do homem, que, não contemplando sua finitude, vive seu tempo na ilusão de gozar de um estado de permanência no mundo. Este descuido dos homens em relação ao tempo parece ser o grande *engano* que Vieira pretende desfazer. Segundo o jesuíta, os homens têm a percepção de que não passam, ou seja, não deixam de existir. Assim, os homens consideram que são permanentes como o mundo, não se dando conta de sua própria finitude, agindo como se não fossem

mortais. Perde-se assim a dimensão de criatura dependente que está inserida provisoriamente no mundo. O homem põe em risco sua salvação quando se esquece da consistência efêmera das coisas do mundo e de seus deveres, afazeres e obras no mundo. O pregador ilustra a falsa percepção humana através da metáfora dos homens no barco, que, ao vislumbrarem as margens, julgam que o que passa é justamente a paisagem e não eles próprios: “Deste tudo que está sempre passando, é o homem não só a parte principal, mas verdadeiramente o tudo do mesmo tudo. E vendo o homem com os olhos abertos e, ainda os cegos, como tudo passa, só nós vivemos como se não passáramos. Somos como os que navegando com vento e maré, e correndo velocissimamente pelo Tejo acima, se olham fixamente para a terra, parece-lhes que os montes, as torres, e a cidade é a que passa; e os que passam, são eles” (Vieira, 1993: 194).

A metáfora do navio e da navegação (derivada de Platão e Agostinho) exemplifica poeticamente esta visão da existência: os homens todos, embarcados na mesma nau, que é a vida, navegam com o mesmo vento, que é o tempo. Assim como na nau “uns governam o leme, outros mareiam as velas; uns vigiam, outros dormem; uns passeiam, outros estão sentados; uns cantam, outros jogam” (idem, p. 195), mas todos igualmente sem distinção de condição e de função caminham ao mesmo porto; assim toda a humanidade, ainda que não o pareça, transcorre sempre, avizinhandose ao seu destino final.

Em outra passagem são os príncipes que talvez se cansem “em requerer comendas e rendas para muitas vidas!” (Vieira, 1993: 141). É também a imagem do mundo como um teatro em que as figuras (personagens/atores), sem se darem conta, passam.

O segundo elemento que contém os sermões é o tópico do fim da vida e do fim do mundo. A iminência da morte é a marca factual do advento na história e na biografia de cada indivíduo. Acabando-se a vida, finda-se o mundo: “De maneira, senhores, que o conceito que ordinariamente fazemos

do Dia do Juízo como uma cousa medonha e espantosa; mas que está lá muito longe, como as serpentes nas areias da Líbia, ou os crocodilos no Nilo, e por isso nos não faz medo. Não é assim: o Dia do Juízo não está longe: está tão perto como o dia de amanhã, e como o dia de hoje, e como esta mesma hora em que estamos: *Venit hor, et nunc est*. O vale de Josafat não está só em Jerusalém, nem entre o monte Sião e o Olivete; está em Lisboa, está neste mesmo lugar, e em todos os do Mundo. Se vos tomar a morte no mar, ou na campanha, ou na vossa cama; o mar, a campanha, a vossa cama, é o vale de Josafat: e esse dia, qualquer que for é o vosso Dia do Juízo, ou mais cedo, ou mais tarde; mas dentro deste mesmo século em que nascemos: *nom praeteribit generatio haec, donec omnia fiant*" (Vieira, 1993: 146).

Neste sentido, Vieira tangeria uma espécie de "existencialismo" (usando de anacronismo), sobretudo no seu sermão da primeira domingo do advento de 1652. Na verdade, trata-se de um sentido herdado pela concepção agostiniana do tempo. Assim, tempo e existência não são coisas necessariamente diferentes, mas aspectos de um mesmo estar no mundo percebido pelo homem.

## **Conhecimento e Juízo de Si**

A partir da concepção da alma aristotélico-tomista, Vieira compõe a dinâmica dos afetos de modo a relacioná-los com o entendimento. O homem envolvido em uma dinâmica afetiva pode ter em seu interior a fonte de todos os enganos, mas também da salvação. São as relações travadas entre conhecimento e afetos que definem o modo pelo qual o ser humano perceberá o mundo e conceberá a si mesmo, e como tal atuará na realidade.

Assim, Vieira parece referir-se a duas sortes de engano: o engano do mundo, onde o homem se relaciona com a realidade e com o outro

distorcendo o real sentido das coisas, atribuindo-lhes valor conforme os apetites e enganando a vontade; e o engano que se refere ao juízo de si, pelo qual o homem, não se percebendo como é, deturparia sua auto-imagem através do amor-próprio, esquecendo-se de sua própria condição humana sujeita a todas as vicissitudes, sendo frágil e mortal. Desta forma, cria-se uma distância, segundo o pregador, entre o que os homens realmente são e o que dizem a respeito de si mesmos: "porque os homens quando testemunham de si mesmos, uma coisa é o que são, e outra coisa é o que dizem" (1993, p. 256). Vieira desenvolve explicitamente o argumento no Sermão da Terceira Domingo do Advento: "Nesta matéria de vos quem sois, todo o homem mente duas vezes; uma vez mente-se a si, e outra vez mente-nos a nós: mente-se a si, porque sempre cuida mais do que é; e mente-nos a nós, porque sempre diz mais do que cuida. Bem distinguiram logo os embaixadores o *Tu quis es*, do *Quid dicis de te ipso*; e quando iam perguntar ao Baptista o que era, perguntaram o que dizia; porque ninguém há tão recto juiz de si mesmo, que ou diga o que é, ou seja o que diz" (Vieira, 1993: 256).

Levanta-se aqui um ponto interessante: o argumento de que o homem na matéria de "vós quem sois", das duas vezes que mente, uma mente a si mesmo. Vieira fala que, neste caso, o conhecimento de si seria "mentiroso": aqui aparece o engano, não sobre as coisas do mundo, mas sobre o juízo de si. A vontade é enganada não na percepção do mundo, mas na percepção interna, na consciência de si.

Para desenganar a consciência de si dos ouvintes, Vieira dá como solução a penitência. O penitente, sendo aquele que se volta para Deus, em uma primeira atitude assumiria para si seus pecados e, segundo o jesuíta, "ninguém melhor do que nossos pecados, para dizer quem somos" (Vieira, 1993: 171). O desejo – ainda que vinculado explicitamente aos pecados – revela ao homem quem ele é: somos o que desejamos. Porém, em última instância, são as obras que definem o destino do homem: "Uma árvore antes

de se cortar não se conhece muito fácil e muito naturalmente para que parte há-de cair? Pois assim o pode conhecer cada um de si, dentro em si mesmo. (...) Se quereis saber para onde há-de cair a árvore, quando for cortada, olhai para ela, e vede para onde inclina o com o peso dos ramos. (...) Olhe agora cada um, e olhe bem para a sua alma, e para as suas obras, que estas são os ramos da árvore" (Vieira, 1993: 171).

A insatisfação humana se dá também no âmbito do engano no conhecimento de si: não tendo a possibilidade de reconhecer e identificar suas características, potencialidades e limitações, é impossível desenvolver-se: "contente-se cada um de crescer dentro de sua espécie; contente-se cada um de crescer dentro da esfera do talento que Deus lhe deu, e logo conhecerão todos, que tem bênção cada um no seu elemento". Porém, "por todos os elementos se adoce de melancolia; porque nenhum se contenta com crescer dentro da sua espécie: a andorinha quer subir a águia; a rêmora quer crescer a baleia; a formiga quer inchar a elefante. Porque as formigas se fazem elefante, não basta toda a terra para um formigueiro" (Vieira, 1993: 265).

Assim, é necessário o conhecimento de si, o reconhecimento de sua espécie, para então passar à ação de crescer: "Não digo que não trate cada um de crescer, mas conheça cada um o que é: *Tu quis es?* E depois cresça conforme a sua espécie: *Secundum speciem suam*" (Vieira, 1993: 266).

O tema do juízo de si é expresso de maneira ainda mais explícita por Vieira no Sermão da Quarta Domingo do Advento, tendo um significado especial para o autor e submetendo a este a ordem de três sermões anteriormente pregados.

Vieira propõe-se neste sermão, mais que nos outros, a persuadir o seu auditório através da mobilização dos afetos e o diz de maneira clara quando declara querer pregar aos *corações*. Fica também anunciada a importância maior do último sermão, pois é neste que se colhem os frutos, ou seja, converte-se o ouvinte. Vieira parece aqui indicar que, pela ordem dos

sermões, solicita-se primeiro o entendimento, mas é pelo coração, ou seja, o universo pertinente às paixões e afetos, que se converte: "Tenho proposto (católico e nobilíssimo auditório) a matéria deste último sermão. E se nos passados mereci alguma coisa a vossos entendimentos (*quod sentio quam sit exiguum*) quisera que mo pagassem hoje vossos corações. Aos corações determino pregar hoje, e não aos entendimentos. Cristo, soberano exemplar dos que pregam sua palavra, comparou os pregadores aos que lavram e semeiam: *Exiit qui seminat seminare: sem est verbum Dei*. O último sermão é o Agosto dos pregadores: se colhe algum fruto, neste sermão se colhe" (Vieira, 1993: 314).

É evocada a imagem do tribunal, onde se inicia o processo, e os juízos são personificados: serão julgados o juízo de si, o juízo dos homens e o juízo de Deus. O amor-próprio impediria que fosse realizado um coerente juízo de si, primeiro a ser julgado: "No tribunal dos areopagitas em Atenas, costumavam entrar os réus com os rostos cobertos. Assim entra e se apresenta no tribunal da penitência, o juízo de si mesmo. Entrara com os olhos tapados, porque não há juízo mais cego. A cegueira do juízo de si, que é o amor-próprio, é muito maior que a cegueira dos olhos; a cegueira dos olhos faz que não vejamos as cousas; a cegueira do amor-próprio, faz que as vejamos diferentes do que são, que é muito maior cegueira" (Vieira, 1993: 316).

Então, Vieira evidencia o motivo pelo qual o juízo de si erra sempre, e explica "porque nunca acabamos de nos conhecer" (Vieira, 1993: 316): trata-se de uma relação errada entre afeto e entendimento. "Porque olhamos para nós com os olhos de um mais cego que os cegos, com uns olhos que sempre vêem uma coisa por outra, e as pequenas lhes parecem grandes. Somos pouco maiores que as ervas, e fingimo-nos tão grandes como as árvores; somos a coisa mais inconstante do mundo, e cuidamos que temos raízes; se o Inverno nos tirou as folhas, imaginamos que no-las há-de tornar

a dar o Verão; que sempre havemos de florescer, que havemos de durar para sempre. Isto somos, e isto cuidamos" (Vieira, 1993: 316).

"E o que faz a penitência para emendar este juízo tão sem juízo?" (Vieira, 1993: 316), pergunta Vieira. No que ele mesmo responde: "Duas cousas. Tira-lhe o véu dos olhos, e mete-lhe um espelho na mão" (idem, p. 316). Pois assim, nos dizeres do pregador, faz a penitência como dizia Deus: "Pôr-vos-ei a vós diante de vós" (p. 317). A penitência mostraria assim o homem a si mesmo, o que, segundo o autor, "emendaria" este juízo, já que não é claro e fácil ao homem conhecer-se: "Nenhuma cousa trazemos os homens mais esquecida e desconhecida, nenhuma trazemos mais detrás de nós, que a nós mesmos" (Vieira, 1993: 317).

Vieira, prosseguindo na argumentação, diz haver dois modos de a *penitência* fazer o homem "se ver interiormente como convêm" (Vieira, 1993: 317), sendo estes "ou voltando-nos os olhos de fora para dentro, para que nos vejam: ou virando-nos a nós mesmos de dentro para fora, para que nos vejamos" (Vieira, 1993: 317). Para explicar estes argumentos, Antônio Vieira recorre a uma passagem das Sagradas Escrituras, onde se conta um episódio do rei Nabucodonosor. Conta Vieira que o rei foi transformado em bruto: como penitência, tal transformação poderia ter se dado em vias de fato ou apenas na imaginação do rei; se verdadeira ou imaginada, as duas maneiras corresponderiam aos dois modos em que a penitência agiria. "Se foi transformação imaginária, voltou Nabucodonosor os olhos para dentro de si mesmo, e viu tão vivamente o que era, que desde aquele ponto se não teve mais por homem, senão por bruto, e como tal se tratava. Se foi transformação verdadeira, converter Deus em bruto Nabucodonosor, não foi outra cousa que virá-lo de dentro para fora, para que mostrasse por fora na figura, o que era por dentro na vida" (Vieira, 1993: 317).

Assim, Vieira vai criando a figura do "novo monstro" (Vieira, 1993: 318), o bruto racional, e que o vendo, ver-nos-emos. Denota-se a idéia de que o homem, através da penitência, coloca-se diante de si e faz um juízo

coerente de si mesmo. Em um primeiro momento, assusta-se com a própria imagem e muitas vezes, por não suportá-la, foge de si mesmo, reconhecendo-se como bruto racional, ou seja, homem que possui em si a razão, mas, por *cegueira* – causada pelo amor-próprio, representado pelos afetos e apetites não ordenados ao reto fim –, está destituído desta, enganado: “Andou pascendo aquele bruto racional o primeiro dia de sua transformação entre os animais; lá pela tarde teve sede; foi-se chegando sobre quatro pés à margem de um rio, e quando reconheceu no espelho das águas a deformidade horrenda de sua figura, valha-me Deus, que assobrado ficaria de si mesmo! Provaria primeiro fugir de si; mas como se visse atado tão fortemente àquele tronco bruto, remeteria a precipitar-se na corrente; e se Deus o não tivesse mão, porque o queria trazer por aqueles campos de Babilônia para exemplo eterno de soberbos, ali ficaria sepultado, primeiro em sua confusão, e depois na profundidade do rio. Que rio é este, senão o rio Jordão: *Fluvis judicii*: rio do juízo? E que é este Nabucodonossor assim transformado, senão o pecador, bruto sem razão, sem uso dela, que anda pascendo nos campos deste mundo entre os outros animais, mais animal que eles?” (Vieira, 1993: 318).

Aparentemente referindo-se ao mito grego do Narciso, Vieira propõe a imagem deste bruto racional olhando para o espelho d'água, no rio do juízo. Fala das "distorções" e "deformidades" do interior da alma humana, de que os homens não se perceberiam, nem se reconheceriam, tendo uma imagem de si mesmos diferentes do que o são. Descreve as feições da alma, criando a imagem de um rosto, onde as partes desta, bem como as mãos, seriam como que os componentes da interioridade que reflete o homem: “Chega enfim o pecador a ver-se nas águas deste rio, espelhos naturais, e sem adulação; vê de repente o que nunca tinha visto: vê-se a si mesmo. Oh que assombro! É possível que este sou eu? Tal fealdade, tal horror, tal bruteza, tais deformidades há em mim? Sim; e muito maiores. Esse sois, e não o que vós cuidáveis. Vede se diz esse retrato com o que vós tínheis formado de vós

mesmo no vosso pensamento; vede bem, e considerai muito devagar nesse espelho, o rosto e as feições interiores da alma; vede bem esses olhos, que são as vossas intenções; esses cabelos, que são vossos pensamentos; essa boca, que são as vossas palavras; essas mãos, que são as vossas acções e as vossas obras; vede bem se diz essa imagem com a que tendes na vossa idéia; vede se parece o que vedes com o que imagináveis; vede se vos conheceis; vede se sois esse, ou outro: *Tu quis es?*" (Vieira, 1993: 318-319).

Outro fator de emenda do juízo de si seria olhar para os pecados, pois, segundo Vieira, os pecados nos dizem quem somos: "Eu sou o que me prezo de entendido; e cometi tantas vezes uma ignorância tão feia, como antepor a criatura ao Criador, a suma miséria ao sumo e infinito bem! Não sou entendido, sou néscio. Eu sou o que me prezo de sisudo e cometi tantas vezes uma loucura tão emendada, como arriscar por um apetite leve, por um instante de gosto, uma eternidade de Glória, ou de Inferno! Não sou sisudo, sou louco. Desta maneira emenda o juízo da penitência os erros e as cegueiras do nosso. Em lugar de sisudo, põe louco; em lugar de discreto, néscio; em lugar de valeroso, covarde; em lugar de honrado, vil; e aquilo que cuidávamos, isto o que somos. Ninguém nos diz melhor o que somos, que os nossos pecados" (Vieira, 1993: 322).

Assim, o homem aparece como juiz de si próprio, evocando em sua memória e experiência a maneira como vem conduzindo sua vida, podendo prognosticar seu futuro de acordo com sua conduta até então. Pode ele também alterar seu futuro se este não lhe aprouver, através da vontade emendando seus hábitos.

### **Considerações Finais**

Em síntese, o tema do Advento, que se centra no Dia do juízo, discute, a partir do Juízo Universal (onde ocorrerá o julgamento de toda a

humanidade), o juízo pessoal, em que cada um deve dar conta de seus atos: "Acaba-se o mundo todos os dias; porque para quem morre acabou-se o mundo. Vem Cristo a julgar todos os dias; porque no ponto em que cada um expira, logo o vem julgar, e julga, não outrem, senão o mesmo Cristo" (Vieira, 1993: 141). Para indicar como ocorrerá este juízo, no momento em que o homem deverá dar conta de si mesmo, Vieira busca argumentos investigando a maneira pela qual o homem se relaciona consigo mesmo e com a realidade, a partir de seus sentidos internos. Assim, os afetos podem ser fontes de engano, bem como de salvação: a questão é como estes se relacionam com vontade e entendimento. Um correto governo das paixões é feito quando elas são submetidas à vontade iluminada pelo entendimento.

**Sandro Rodrigues Gontijo**  
**Mestrando da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão**  
**Preto da USP**  
**sandrogontijo@yahoo.com.br**

**Marina Massimi**  
**Livre Docente da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão**  
**Preto da USP**  
**mmarina@ffclrp.usp.br**

### **Referências Bibliográficas:**

AGOSTINHO. A Doutrina Cristã (N. de A. de Oliveira Trad.). São Paulo: Edições Paulinas, 1991.

AQUINO, Tomás de . Suma Teológica, Vol. II. Parte I – Questão 78, art. 4. São Paulo: Edições Loyola, 2002. (Original latino do Século XII).

ARISTÓTELES. (1994), Retórica. Madrid: Editorial Gredos (Original grego do Século IV a.c.)

GIOSEFFI, Maria Cristina da Silva. Retórica, Persuasão e Imaginário Lúdico na 'História do Futuro' do padre Antônio Vieira. Tese de doutorado.

Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ, 2005. Disponível em [www.neoreader.com.br](http://www.neoreader.com.br), acessado em 10 de dezembro de 2008.

MASSIMI, Marina . *Palavras, almas e corpos no Brasil colonial*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

PÉCORA, Alcir . *Teatro do sacramento*. São Paulo: Edusp-Editora Unicamp, 1994.

REALE, Giovanni e ANTISERI, Dario. *História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média, Volume I*. São Paulo: Paulinas, 1990.

SARTORE. Domenico e TRIACCA. Achelle M. *Dicionário de liturgia/organizadores*; tradução Isabel Fontes Leal Ferreira. São Paulo: Paulinas, 1992. – (Dicionários EP) VIEIRA, Antônio. *Obras Completas Do Padre Antônio Vieira. Sermões vol. I*. Porto: Artes Gráficas, 1993.

---

1 *Estilo Espiritual Jesuítico (1540-1600; Iparraguirre, S.I)* (trad. nossa).

2 O material a ser analisado consistirá dos sete sermões referentes ao tempo litúrgico do Advento; utilizamos como referencia as *Obras Completas Do Padre Antônio Vieira. Sermões vol.I*. Porto. Artes Gráficas, 1993: Sermão da Primeira Domingo do Advento (pág. 107-134) – pregado na Capela Real, no ano de 1650; Sermão da Primeira Domingo do Advento (pág. 135-176) – pregado na Capela Real, no ano de 1652; Sermão da Primeira Domingo do Advento (pág. 177-225) – não se encontrou referencia de local e data; Sermão da Segunda Domingo do Advento (pág. 227-254) – não se encontrou referencia de local e data; Sermão da Terceira Domingo do Advento (pág. 255-284) – não se encontrou referencia de local e data; Sermão da Terceira Domingo do Advento (pág. 285-312) – pregado na Capela Real, no ano de 1644; Sermão da Quarta Domingo do Advento (pág. 313-344) – não se encontrou referencia de local e data. Todas as citações de trechos de sermões pautam-se nesta referência.